



Estudos em Escrita Criativa

Patricia Gonçalves Tenório¹

Novembro, 2021

Travessia

<https://www.youtube.com/watch?v=tBa2Z28oPRU2>

Estamos chegando ao fim do nosso curso on-line Estudos em Escrita Criativa 2021 – Os mundos de dentro. Tanto chão percorremos, em tantas veredas mergulhamos e nos sentimos maiores, melhores, quem sabe na escritura, ao menos na leitura de escritoras e escritores brasileiros maravilhosos.

E hoje inauguramos o décimo primeiro dos doze módulos do curso. Parece que o cantor e compositor mineiro Milton Nascimento captou o romance de mais de seiscentas páginas que terminei de reler ontem, 22 de maio de 2021, novamente antecipada em seis meses à leitura que você, escriba, faz dos meus textos, das minhas videoaulas.

Parece que Milton Nascimento captou a obra-prima que é *Grande sertão: veredas*,³ de João Guimarães Rosa, e que, ousadamente, venho destrinchar as técnicas, facilitar caminhos, percorrer as veredas estreitas desse grandioso romance que, além de representar a inteira vida do autor, resume tudo quanto apreendemos nos quase vinte módulos de curso on-line desde 2020.

Mas vejamos por quê.

¹ Escritora, vinte livros publicados, sendo um no formato de vídeo podcast, mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS). Contatos: grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com e <https://www.youtube.com/estudosemescritacriativa>

² Travessia, em *Travessia*, 1967, de Milton Nascimento e Fernando Brant, com arranjos de Luiz Eça.

³ ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19ª ed. Prefácio de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

João Guimarães Rosa nasce em 27 de junho de 1908,⁴ na cidade de Cordisburgo, entre Curvelo e Sete Lagoas, nas imediações da Gruta do Maquiné. Filho de dona Francisca Guimarães Rosa (dona Chiquitinha) e Florduardo Pinto Rosa (seu Fulô), cresce na venda do pai, anexa à casa onde nasceu (hoje o Museu Casa Guimarães Rosa), escutando as estórias dos vaqueiros, jagunços, do sertão e que irão perdurar pela vida inteira, sendo o tema central de sua obra.

Além da facilidade com o aprendizado de inúmeras línguas (inicia com o francês, holandês e alemão, aos nove anos), Rosa navega por diversos gêneros literários, inclusive a poesia, e recebe, em 1936, o primeiro lugar no Concurso Literário da Academia Brasileira de Letras com o livro de poemas *Magma* – gênero que é também transposto para a obra que escolhemos nos debruçar no módulo 11 do nosso curso.

Conhece diversos escritores de *Os mundos de dentro*: Carlos Drummond de Andrade, que estudou no mesmo Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte; Graciliano Ramos, de quem recebe críticas ferrenhas pela primeira versão do livro de contos *Sagarana* (Graciliano aprova a versão final); e Ferreira Gullar, que, como outros escritores, achava a linguagem de *Grande sertão: veredas* hermética. Foi amigo de Manuel Bandeira e admirado por Clarice Lispector (a Clarice dos Estudos em Escrita Criativa On-line 2020, no módulo sobre o Brasil).

Mas o que realmente importa para este breve artigo sobre a magnífica e monstruosa obra-prima de mais de seiscentas páginas é encontrarmos diversas das técnicas abordadas em nosso curso, e ser o livro que Guimarães Rosa construiu a vida inteira, quer seja na escuta dos causos na venda de seu Fulô e nas cartas-entrevistas trocadas pela vida afora com o pai, quer seja na transmutação de personalidades reais em personagens ficcionais (coronel Hermógenes, de João Pinheiro; coronel Ricardo Gregório, de Curalinho, hoje Corinto; coronel Ornelas, de Goiás), quer seja na criação de uma nova língua (lembramos o módulo 9 com Mário de Andrade), muito próxima ao inconsciente, convergindo línguas do mundo inteiro em uma linguagem que se encontra

⁴ Todas as informações biográficas do autor estudado neste módulo foram retiradas de *Veredas de Viator*. In *Cadernos de Literatura Brasileira – João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2006.

por trás das palavras, além dos significados, e que nos faz sair maiores e melhores após a nossa imersão e profunda leitura.

Como escrever uma biografia romanceada

João era fabulista?

fabuloso?

fábula?

Sertão místico disparando

*no exílio da linguagem comum?*⁵

Começamos por entrevistas. Um caderno de anotações, o tempo inteiro. Assim é o personagem oculto – rapaz da cidade grande, culto – que Guimarães representa e se coloca como interlocutor do velho Riobaldo, antigo jagunço, apelidado de Tatarana – lagarta-de-fogo – ou Urutu Branco – uma serpente perigosa.

Nas anotações feitas durante a viagem pelo sertão de Minas Gerais em maio de 1952, Guimarães colhe material prolixo para preencher a sua bíblia ou tentar responder à pergunta principal da sua obra – e quem sabe da vida inteira: o Diabo existe?

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco – é a alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso – por estúrdio que me vejam – é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia.⁶

Na vida real, Rosa estrutura bem o romance (assim como sugerem Assis Brasil e Raimundo Carrero no módulo 9) também através de entrevistas e pede, inúmeras vezes, que o pai envie detalhes sobre o sertão que ele irá visitar no ano sabático de 1952.

⁵ ANDRADE, Carlos Drummond. Um chamado João. In ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 11, itálico nosso.

⁶ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 26.

[...] apesar de estar nesta cidade [Chamonix, Suíça] tão ambicionada e disputada, sonho com o dia em que voltarei ao Brasil, daqui a 4 anos, para então tirar o meu ano de licença-prêmio, e consagrá-lo a viajar pelo interior de Minas: descer o rio das Velhas em canoa, ir a Paracatu, e outras excursões.⁷

Guimarães usa o recurso do refrão – vide Edgar Allan Poe, em “A filosofia da composição”, que estudamos nos módulos 2, 3 e 9 de Os mundos de dentro – quando repete, *ad infinitum*, “Viver é muito perigoso” e “O diabo na rua, no meio do redemoinho...”.

Vai costurando a construção de um romance caudaloso, causando-nos a impressão que o faz à medida que vai escrevendo por meio do alter ego do rapaz da cidade grande que escuta Riobaldo, assim como o fazer-fazendo do nosso Mário de Andrade, do módulo 9, no seu *Amar, verbo intransitivo: idílio*.

Estou contando fora, coisas divagadas. No senhor me fio? Até-que, até-que. Diga o anjo-da-guarda.... Mas, conforme eu vinha: depois soube, que mesmo os soldados do Tenente e os cabras do Coronel Adalvino remitiram de respeitar o assopro daquele Joé Cazuzo. E que esse acabou sendo o homem mais pacifcioso do mundo, fabricante de azeite e sacristão, no São Domingos Branco. Tempos!⁸

Apresenta os personagens, contextualizando-os nos acontecimentos futuros, para que não nos percamos no labirinto da leitura.⁹

Banda desta mão, o Alaripe: soubesse o senhor o que é que se preza, em rifleio e à faca, um cearense feito esse! Depois mais: o João Nonato, o Quipes, o Pacamã-de-Presas. E o Fafafa – este deu lances altos, todo lado comigo, no combate velho do Tamanduá-tão: limpamos o vento de quem não tinha ordem de respirar, antes esses desrodeamos... O Fafafa tem uma eguada. Ele cria cavalos bons. Até um pouco mais longe, no pé-de-serra, de bando meu foram o Sesfrêdo, Jesualdo, o Nelson e João Concliz. O Triol... E não vou valendo?¹⁰

⁷ ROSA, João Guimarães. Op. cit., 2006, p. 26, colchetes com o nome da cidade nossos.

⁸ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 37.

⁹ É interessante descobrir, na infância, o hábito da leitura em voz alta ritmada, batendo nas páginas dos livros com dois pauzinhos, e que Rosa levará para a vida adulta nas leituras de trechos de seus livros em construção para os amigos.

¹⁰ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 40.

Podemos supor que o tema central do romance é o amor impossível pelo jagunço Reinaldo/Diadorim. Ou a luta entre o bem e o mal, que não precisa necessariamente nenhum dos lados vencer. Ou mesmo a reconstrução da memória. Ou então a imensidão que o sertão é, sertão que não se categoriza nem para o bem nem para o mal, nem para Deus nem para o Diabo, no meio do redemoinho.

Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...¹¹

[...]

O amor, já de si, é algum arrependimento. Abracei Diadorim, como as asas de todos os pássaros. Pelo nome de seu pai, Joca Ramiro, eu agora matava e morria, se bem.¹²

[...]

Assim é que digo: eu, que o senhor já viu que tenho retentiva que não falta, recordo tudo da minha meninice. Boa, foi. Me lembro dela com agrado; mas sem saudade. Porque logo sufusa uma aragem dos acasos. Para trás, não há paz.¹³

[...]

A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado noutra galho. [...] o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.¹⁴

[...]

O mal ou o bem, estão é em quem faz; não é no efeito que dão.¹⁵

O zigue-zague da narrativa do presente para o passado, do passado para o futuro, que o velho Riobaldo derrama para o jovem da cidade grande, que também nos representa, nós, amantes e desejantes da leitura e da escritura, se parece, e muito, com a técnica das associações livres que nos fala o pai da Psicanálise, Sigmund Freud.

Estou contando ao senhor, que carece de um explicado. Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A senvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra os vícios

¹¹ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 41.

¹² ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 57.

¹³ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 58.

¹⁴ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 80, colchetes nossos.

¹⁵ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 113.

desencontrados. Repilo o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo?¹⁶

E parece que escutamos as canções-poesias de Vinicius de Moraes, lá no módulo 5, ecoando nas cantigas de “se viajar e cantar, guerrear e cantar” dos jagunços de Guimarães.

*“Olerereêe, bai-
ana...
Eu ia e
não vou mais:
Eu fa-
ço que vou lá dentro, oh baiana,
e volto
do meio
p’ra trás...”¹⁷*

Guimarães nos confirma a dificuldade da transmutação da realidade, quer seja do passado, quer seja do presente, para a narrativa ficcional ou não ficcional, como vimos nas crônicas de Hilda Hilst no módulo 8 de 2021.

Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado.¹⁸

Rosa nos ensina, com seus zigue-zagues entre o futuro, o passado e o presente, aquilo que Assis Brasil confirma em suas oficinas literárias em ambiente acadêmico desde

¹⁶ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 162.

¹⁷ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 193, itálico da edição.

¹⁸ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 200.

1985: que podemos saber, no início da leitura, o fim de um romance para irmos apreendendo como o escritor construiu a sua história e alargarmos a nossa escrita.

As nove [léguas]. Com mais dez, até à Lagoa do Amargoso. E sete, para chegar numa cachoeira no Gortuba. E dez, arranchando entre Quem-Quem e Solidão; e muitas idas marchas: sertão sempre. Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo.¹⁹

Ou mesmo, apesar do labiríntico romance de Rosa não possuir capítulos, os avisos durante o texto nos lembram daqueles seriados *mainstream*, quando ao final de um episódio antecipa o que irá acontecer mais adiante na história, ou faz uma retrospectiva do episódio anterior, assim como o autor do módulo 6, Jorge Amado, no seu *Gabriela, cravo e canela*.

Mas foi nesse lugar, no tempo dito, que meus destinos foram fechados. Será que tem um ponto certo, dele a gente não podendo mais voltar para trás? Travessia de minha vida. Guararavacã – o senhor veja, o senhor escreva. As grandes coisas, antes de acontecerem. Agora, o mundo quer ficar sem sertão. Caixeirópolis, ouvi dizer. Acho que nem coisas assim não acontecem mais. Se um dia acontecer, o mundo se acaba. O senhor vá escutando.²⁰

O romance como se fosse um grande círculo. Ou melhor, o símbolo do infinito ao fim do livro, e os ciclos que se fecham, por exemplo, o da noiva de Riobaldo, Otacília.

O que lembro, tenho. Venho vindo, de velhas alegrias. A Fazenda Santa Catarina era perto do céu – um céu azul no repintado, com as nuvens que não se removem. A gente estava em maio. Quero bem a esses maios, o sol bom, o frio de saúde, as flores no campo, os finos ventos maiozinho.²¹

[...]

E que, com nosso cansaço, em seguir, sem eu nem saber, o roteiro de Deus nas serras dos Gerais, viemos subindo até chegar de repente na Fazenda Santa Catarina, nos Buritis-Altos, cabeceira de vereda. Que's borboletas! E era em maio, pousamos lá dois dias, flôr de tudo, como sutil suave, no conhecimento meu com Otacília. O senhor me ouviu. Em como Otacília e eu ficamos gostando um do outro, conversando, combinados no noivável, e na sobremanhã eu me despedi, ela com sua

¹⁹ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 302, colchetes nossos.

²⁰ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 305.

²¹ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 204-205.

cabecinha de gata, alva no topo da alpendrada, me dando a luz de seus olhos; e de lá me fui, com Diadorim e os outros.²²

As repetições em *Grande sertão*, para não nos perdermos na leitura do romance caudaloso (como se fosse o menino Guimarães lendo em voz alta com os dois pauzinhos), não vêm apenas nos refrões (como vimos com Edgar Allan Poe), ou mesmo nos ciclos que se fecham (como vimos no exemplo acima), mas vêm em “acrescentações”, como podemos ver no exemplo abaixo.

Deram um tiro, de rifle, mais longe. O que eu soube. Sempre sei quando um tiro é tiro – isto é – quando outros vão ser. Deram muitos tiros. Apertei minha correia na cintura. Apertei minha correia na cintura, o seguinte emendando: que nem sei como foi. Antes de saber o que foi, me fiz nas minhas armas. O que eu tinha era fome. O que eu tinha era fome, e já estava embalado, aprontado.²³

E o presente da escrita deste breve artigo, em 24 e 25 de maio de 2021, em um café na praça de Casa Forte, Recife – PE, sendo adivinhado, contexto (a pandemia de Covid-19 no mundo) e estrutura (o calor recifense no café de Casa Forte), pelo segundo escritor mineiro do nosso curso.

Fazia fole de calor. Mas, entre as vertentes, no Corguinho rabo serelepe que passamos, de beiras de terra preta, só os animais foram que beberam a toda sede: que, nós, mesmo da água corrente a gente receava. Donde é que decorre a peste? Até o ver o ar. A poeira e miséria. Azul desbotado poído, sem os realces. O sol carregando de envelhecer antesmente as folhagens – o começo do mês de junho já dava aparência de alto fim de agosto.²⁴

A biografia romanceada de um jagunço que João Guimarães Rosa pesquisou exaustivamente a vida inteira, ou colhendo as estórias do pai nas cartas-entrevistas que recebia enquanto viajava como diplomata pelo mundo afora, ou experimentando na pele (e anotando em suas cadernetas) a vivência no cenário do livro, é uma metáfora da

²² ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 323.

²³ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 340, sublinhado nosso.

²⁴ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 407-408.

elaboração do trauma pela contação da própria história, que vimos com Márcio Selligman-Silva no módulo 4 sobre Graciliano Ramos.

Tudo isto, para o senhor, meussenhora, não faz razão, nem adianta. Mas eu estou repetindo muito miudamente, vivendo o que me faltava. Tão mixas coisas, eu sei. Morreu a lua? Mas eu sou do sentido e reperdido. Sou do deslebrado. Como vago vou. E muitos fatos miúdos aconteceram.

Conforme foi. Eu conto; o senhor me põe ponto.²⁵

Mais uma casa mineira

A Casa dos Tucanos aguentava as batalhas, aquela casa tão vasta em grande, com dez janelas por banda, e aprofundada até em pedras de piçarrão a cava dos alicerces. A Casa acho que falava um falar – resposta ao assoviado – a quando um tiro estrala em dois, dois.

[...]

A minha terra era longe dali, no restante do mundo. O sertão é sem lugar.²⁶

O Museu Casa Guimarães Rosa fica na avenida Padre João, 744, em Cordisburgo – a cidade do coração –, bem diante de uma estação de trem, como se adivinhando o futuro de Joãozito: viajar o mundo inteiro, principalmente a sua Minas Gerais. O Museu Casa é constituído pela casa onde Guimarães nasceu e morou até os nove anos – com acervo de fotos, coleção com as ilustres gravatas-borboleta, aproximadamente setecentos documentos textuais, toda a obra literária, originais manuscritos ou datilografados, matrizes de xilogravuras usadas em livros, espada, bainha e diploma da Academia Brasileira de Letras, máquina de escrever, rascunhos de trabalhos e outros objetos pessoais –, e a venda do pai, seu Fulô, em anexo. E, como afirmamos no módulo 10 sobre Carlos Drummond de Andrade, no Museu Casa podemos escutar trechos dos livros de Guimarães na boca dos jovens adolescentes miguilins.

Em 2009, na companhia de uma amiga da época, percorri o Circuito Guimarães Rosa, formado por onze municípios (doze se contarmos com Cordisburgo): Araçá,

²⁵ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 546.

²⁶ ROSA, João Guimarães. Op. cit., (1956 in) 2001, p. 369 e 370, itálico nosso.

Buritizeiro, Corinto, Curvelo, Felixlândia, Inimutaba, Morro da Garça, Pirapora, Presidente Juscelino, Pompéu e Ponto Chique – que se localizam na confluência de três mesorregiões do estado: norte, central e metropolitana de Belo Horizonte.

É uma experiência indescritível. Ou melhor, as palavras de Guimarães impregnadas das e nas cidades em que viveu e percorreu na infância e vida adulta provocaram a escrita de “Oráculo”, texto apresentado no módulo sobre o Brasil dos Estudos em Escrita Criativa 2020.

Na ida a Três Marias, pedi a Adélcio para dirigir. Ele me guiando, ele me dizendo o certo e o errado e de tanto ouvir decorei seus passos, ensinei seu nome.

A chapada. Os buritis. De um instante ao outro todo o mistério se revelava e o que era depois virou presente. As flores guardei para devolver a Laura que me disse antes quem realmente eu era e ainda nem sabia.

Fotos, fotos, fotos. E não dá para captar o meu sentimento de sertão.

– Não vai dar dez minutos e o São Francisco chega.

O mar doce. Pedi em nome do Pai que Ele me batizasse novamente: não acredito que tenho as coisas que desejo, mas tenho o meu desejo nas coisas. Sorri com o frio da água na nuca, os pés descalços, a calça jeans suspendida até os joelhos. De joelhos me refiz e o homem novo levantou-se das pedras e sobre as pedras edificou o seu caminho.

E se Manuelzão não quisesse me receber em Andréquicé? Um novo João a ele perguntava, para entre a barba longa suspirar-lhe algum segredo? Quicé de André, quicé de Maria. Quem sabe do João que sabia que ele não sabia?²⁷

E nos preparando para o encontro virtual do módulo 11, fazemos a mesma pergunta do advogado, mestre em Letras (UFRGS), doutor em Escrita Criativa (PUCRS) e escritor gaúcho Gustavo Melo Czekster, no ensaio teórico do seu *A nota amarela*:

– Devo ser o/a Autor/a do romance que imaginei?

Ser o Autor de um livro? É executar um salto de fé. Sem a intenção de adentrar muito no campo da filosofia, pego emprestada de Sören Kierkegaard a noção de “salto de fé” com o intuito de ilustrar essa afirmativa: para o filósofo dinamarquês, o homem que se encontra no estágio ético da existência pode passar para o estágio religioso através de um “salto de fé”, um arremessar em direção ao desconhecido confiando que a salvação estará lhe esperando.²⁸

– Saltemos.

²⁷ TENÓRIO, Patricia Gonçalves. Oráculo. In *Diálogos*. In *7 por 11*. Recife: Raio de Sol, 2019, p. 263-264.

²⁸ CZEKSTER, Gustavo Melo. *A nota amarela*: seguida de “Sobre a escrita – um ensaio à moda de Montaigne”. Porto Alegre, RS: Zouk, 2021, p. 133.

Filmes sobre João Guimarães Rosa e a Escrita Criativa

- 1) *Grande sertão: veredas* – Minissérie da Rede Globo (1985):
<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/grande-sertao-veredas/>
- 2) *Guimarães Rosa* | TV Cultura: <https://www.youtube.com/watch?v=MUGLZ4euUzI>
- 3) *Conhecendo museus* | Episódio 8 | Museu Casa Guimarães Rosa:
<https://www.youtube.com/watch?v=jxuZ6sioA5k>

Exercício de desbloqueio

Dando continuidade ao exercício de desbloqueio do módulo 9 sobre Mário de Andrade, apresentem, por meio de entrevistas, fotografias, vídeos, podcasts, a estrutura de um romance (auto)biográfico ou (auto)biografia romanceada, seguindo as sugestões de João Guimarães Rosa estudadas por nós em *Grande sertão: veredas* no módulo 11 do nosso curso, que se aproxima do fim, Os mundos de dentro.